

Por Bruno Doro, Daniel Brito e Fábio Aleixo, do UOL, em Toronto (CAN) 15 Jul 2015

No judô, a maioria dos atletas do Brasil que subiu ao pódio repetiu um gesto. Quando a bandeira verde e amarela era hasteada, batiam continência. Estando o atleta em primeiro, segundo ou terceiro lugar. Com o hino brasileiro tocando ou não. O mesmo aconteceu nas provas de natação neste Pan-Americano de Toronto.

O motivo? Todos são militares e receberam treinamento para isso. Segundo a judoca Mayra Aguiar, atual campeã mundial e que saiu dos Jogos Pan-Americanos de Toronto com uma medalha de prata, foi feito um pedido dos militares à delegação brasileira para isso.

"Na verdade, eles pediram pra fazer. Mas é uma coisa da gente. A gente ficou na iniciação um mês, lá dentro. Aprendeu muita coisa e pegou o espírito do militarismo", diz Mayra, terceiro sargento da Marinha.

Outros atletas negaram que seja uma exigência. "Represento o Exército brasileiro. Somos ensinados que, sempre que o hino toca, o militar, por respeito, tem de bater continência e ficar em posição de sentido. É uma forma de respeito pela minha bandeira e meu país", completa Léo de Deus, campeão dos 200m borboleta. "É pelo orgulho que temos de representar as Forças Armadas", completa o também judoca Luciano Correa.

A questão polêmica é como a continência é percebida. Algumas pessoas verão razões políticas no gesto militar. Outros, mais céticos, olham para a mão erguida ao lado da cabeça, ouvem o discurso dos atletas e levam o raciocínio para outro caminho: as Forças Armadas são patrocinadores. Os atletas recebem salários. Fazer propaganda ou manifestar-se politicamente é proibido em eventos como o Pan. Principalmente na cerimônia de medalhas.

"Além de representar o Exército, eles ajudam bastante. Fazem de tudo para dar suporte, não pegam no nosso pé. Deixam a gente trabalhar tranquilo", fala Léo de Deus. "É um orgulho poder prestar essa homenagem e lembrar quem está nos ajudando", diz Mayra.

Para os dirigentes brasileiros, não há problema na manifestação. "No judô é natural. O primeiro atleta campeão mundial militar foi o Wagner Castropil em 1994. Depois, o Sebastian Pereira em 2000. Isso vem de muitos anos. É uma tradição nas Forças Armadas ter judocas. Aqui, é uma coisa tratada como natural", analisa Ney Wilson, gerente de alto rendimento da Confederação Brasileira de Judô.

Para Ricardo Leyser, secretário executivo do Ministério do Esporte, também não há problema na prática. "Esses atletas estão incorporados às Forças Armadas. É um projeto do Ministério da Defesa com o Ministério do Esporte, que começou com os Jogos Militares no Rio. Após 2011, as Forças Armadas não tinham recursos para manter os atletas e fizemos uma parceria. As Forças Armadas pagam salários, o Ministério do Esporte custeia as viagens para competições".

Esse programa militar envolve 600 atletas, divididos entre Aeronáutica, Marinha e Exército. São 123 atletas na delegação que está em Toronto no grupo. Todos recebendo salários, que podem chegar a R\$ 4 mil, para defender o Brasil em competições esportivas. Sendo elas militares ou não.

Veja como publicado:

<http://pan.uol.com.br/noticias/2015/07/15/porque-os-atletas-brasileiros-estao-batendo-continencia-no-podio-do-pan.htm>